

AS MIGRAÇÕES DOS SÉCULOS XIX E XX, PARTE I - OS ALEMÃES

*Leatrice Moellmann**

SÉCULO XIX

1. Imigrantes alemães: agricultores e mercenários.
2. Armação da Piedade.
3. Influência germânica no Desterro, as chácaras, o comércio.
4. Fritz Müller no Desterro.
5. Os alemães na vida pública do Desterro.
6. O Clube Harmonie e o Clube Germania.
7. Cemitério Alemão.
8. A Escola Alemã, seu pioneirismo.
9. Colégio Coração de Jesus.

SÉCULO XX

1. Tiro Alemão.
2. Colégio Catarinense.
3. O esporte: Clube Náutico Riachuelo, o futebol.
4. A Igreja Luterana e a Associação de Senhoras Alemãs.
5. Centro Educacional Menino Jesus.
6. Indicador Comercial, Industrial e Profissional de Florianópolis.
7. Nazismo e perseguição.
8. Imigrantes que vieram residir em Florianópolis após a 1ª Guerra Mundial.
9. Os descendentes de alemães na vida pública de Florianópolis.
10. Casa de Saúde São Sebastião.
11. A miscigenação e integração social no fim do século XX, Gustavo Kuerten. O Estado democrático brasileiro.

Imigrantes alemães: agricultores e mercenários

Diante das flutuações de nacionalidade na Europa, através do espaço e do tempo, adotamos a convenção segundo a qual são considerados alemães todos os povos de língua germânica. Assim, estão incluídos os austríacos e os suíços, personagens da História Catarinense. Pois, em verdade, só após 1870 passou a existir a Alemanha como estado nacional, sem abranger terras da Suíça nem províncias do norte da Itália, nem da Áustria. A História e a Geografia, estreitamente ligadas, não fogem à lei universal da constante transformação. Lembremos por pertinente o aforismo segundo o qual “gato que nasce em forno não é pão”. Para Klaus Richter, “Emigrante alemão é o indivíduo oriundo da Confederação Alemã e depois do Segundo Império, do Império Austríaco e Suíça Alemã, de língua, cultura e etnia alemã, que voluntariamente deixou seu país, sem a intenção de voltar”.

Transcorria o século XIX, que se caracterizou por um êxodo nunca experimentado da população europeia, dirigido sobretudo para as Américas, cujas vastas amplidões aguardavam povoamento. Entre 1820 e 1924, mais de 60 milhões de habitantes emigraram da Europa. De 1824 a 1914 ocorreu a grande imigração alemã em Santa Catarina.

O Brasil era uma caldeira em ebulição. Com um território de dimensões continentais, abrigava as mais desencontradas ambições, os mais cruéis desatinos, pois, enquanto silvícolas eram rechaçados para o interior, traziam-se da África levadas de escravos negros, mesmo após a proibição legal. Há séculos dedicados a “arar as vastidões oceânicas”, os portugueses não eram afeitos ao cultivo da terra, o que os tornava dependentes de braços escravos para a lavoura.

No Sul, as disputas com os espanhóis eram acirradas. Os países sul-americanos lutavam por sua independência. A região das Missões ocupava terras hoje pertencentes ao Brasil, Argentina e Paraguai. Desgovernada pela expulsão dos jesuítas por Pombal no século anterior, suscitava efervescência social.

Com a iminente invasão napoleônica em Portugal em 1808, Dom João VI transferiu para o Rio de Janeiro a Corte lusitana. Na fuga teve o apoio da Inglaterra. Tal apoio deveria ser considerado frente à problemática do tráfico de negros, pois a Grã-Bretanha o condenava e fiscalizava.

Em 1815 fez-se uma tentativa com chineses no intuito de substituir a mão escrava. Trezentos chineses de Macau foram trazidos para o cultivo do chá no Rio de Janeiro. Fracassou, pois o sabor do chá plantado no Jardim Botânico era insuportável. Os chineses se dispersaram.

O Brasil, no entanto, necessitava de mão-de-obra. O Regente Dom João

percebeu o quanto a proibição de comércio com outras nações havia contribuído para a estagnação do País. Determinou a abertura dos portos e procurou atrair para o Brasil elementos que propiciassem a civilização européia. Naquele tempo, para 5 milhões de habitantes, existiam cerca de 4 milhões de pretos, índios e mulatos. Tal situação só podia desagradar os preconceituosos cortesãos brancos. Por outro lado, as rebeliões internas e guerras externas tornavam necessária a presença de tropas para o combate. Por primeira vez, pensou-se então numa imigração de brancos. Para administrá-la, o Governo criou em 1818 a Inspeção de Colonização Estrangeira.

No mesmo ano, tentou-se a imigração de suíços, dirigidos à região de Nova Friburgo, no Estado do Rio, também marcada pelo insucesso, com a dispersão dos imigrantes.

Ainda em 1818 fundava-se a primeira colônia alemã, no sul da Bahia, com um contingente mínimo de imigrantes. Denominou-se Leopoldina em homenagem à Arquiduquesa Leopoldina. Filha do Imperador Francisco, da Áustria, desembarcara no Rio de Janeiro em novembro de 1817, casada por procuração com o Príncipe Dom Pedro, sucessor no trono do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. Essa mulher valorosa e perspicaz logo aprendeu a amar o Brasil e teve decisiva influência sobre o desempenho político de seu esposo em direção à independência de nossa pátria. Pode-se dizer que a ela, defendendo a integridade do Império, deve-se a duradoura coesão deste país continental. Enquanto os países da colônia espanhola se esfacelavam em várias repúblicas independentes, o território do Brasil permanece uno até hoje.

Proclamada a independência em 1822, tornava-se necessário preencher as duas carências cruciais do imenso território de nacionalidade emergente: a primeira, combater as rebeliões e defender o território nacional contra o estrangeiro. Decidiu-se pelo emprego de tropas mercenárias.

O que é mercenário? Eu diria que é o guerreiro desvinculado da noção de pátria. Ele é estipendiado para lutar. Existe desde a mais remota antiguidade. Mercenários lutaram pela independência dos Estados Unidos. É famosa a Legião Estrangeira do Exército francês.

Em segundo lugar, fazia-se mister substituir a mão escrava pelo trabalho livre. Assim, optou-se por dois tipos de imigrantes: o colono para a lavoura e o mercenário para as lutas bélicas. A incumbência de angariá-los na Europa foi delegada a Georg Anton A. Schaeffer, compatriota e amigo da Princesa Leopoldina. É figura controvertida. Culto, poliglota, conhecedor de inúmeros países na Europa e fora dela, persuasivo e ardiloso, era um homem de seu tempo, preparado para os grandes lances que viveu na Corte brasileira. Através

da Princesa, aliou-se ao chanceler José Bonifácio, outro personagem de vasta cultura e importante atuação política. Schaeffer teve tal destaque na Corte de Dom Pedro I, que recebeu o título de Major da Imperial Guarda de Honra.

Em janeiro de 1824 chegaram os primeiros alemães arrebanhados por ele, que era remunerado por cabeça de imigrante. Concomitantemente, contratos particulares eram realizados pelos próprios emigrantes, na Europa. Há notícias de que, antes da imigração de alemães para São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, delinquentes mecklenburgueses, a caminho do Rio Grande, teriam sido desembarcados na Ilha de Santa Catarina. É um assunto ainda nebuloso, que exige estudo. Essa origem pode explicar um enigma: descendentes de alemães em Santa Catarina que não encontram o nome de sua família em lugar nenhum, seriam seus descendentes.

A população pequena e o repúdio dos brasileiros à caserna levaram Dom Pedro a criar um Regimento Estrangeiro, de início com um só batalhão, cujos 200 primeiros integrantes eram suíços remanescentes da desastrosa tentativa de fixação em Nova Friburgo, no ano de 1818.

Em 1825 chegaram ao Rio de Janeiro quatro navios com imigrantes alemães, organizando-se uma unidade militar. As levas de alemães se sucediam.

A Imperatriz Leopoldina faleceu a 13 de dezembro de 1826. D. Pedro estava no comando da Esquadra Brasileira, que lutava no Rio da Prata, e recebeu a notícia em Santa Catarina. Caso vivesse, a grande Imperatriz poderia ter protegido seus patricios da desídia das autoridades brasileiras ao descumprirem os compromissos assumidos no processo de imigração.

Nessa mesma ocasião e estendendo-se pelo ano de 1827, acontece um episódio que seria pitoresco, não fosse estarrecedor: mercenários alemães, expulsos da Corte por mau comportamento, reiteradamente foram se oferecer na Argentina para lutar contra o Império Brasileiro. Apresentavam o plano mirabolante de conquistar a Ilha de Santa Catarina e nela proclamar uma república independente, com o apoio internacional da Argentina. O repúdio das autoridades portenhas inibiu seu intento.

Entretanto, não eram apenas alemães que o Império recrutava na Europa. No Rio de Janeiro chegavam os primeiros mercenários irlandeses, cerca de 2.400, dos quais, depois de muitas peripécias, retornaram à origem 1.400, devolvidos após os eventos da rebelião, ocorrida em junho de 1828. Os alemães eram muito mais numerosos: cerca de 8 mil durante a gestão de Dom Pedro I. Numa proporção de três soldados para um colono, a vinda de militares devia ser disfarçada pela vinda concomitante de agricultores, já que o povo brasileiro, xenófobo (invasões de holandeses, franceses, espanhóis), não via com bons

olhos a chegada de mercenários brancos. Era o preconceito contra a raça branca.

Nas condições adversas em que se encontravam, os estrangeiros se entregavam freqüentemente à cachaça. Com a profunda antipatia e má vontade dos nacionais, não é de estranhar a referida rebelião dos mercenários em junho de 1828 no Rio de Janeiro, que logo se alastrou por toda a população, com a prática de atrocidades inimagináveis de parte a parte. Até os escravos participaram. Durou três dias. Foi um morticínio generalizado. Como consequência, foram presos os mercenários irlandeses e alemães.

Era facultado aos que completassem quatro anos de serviço militar trocar o exército pela agricultura. Cheias as prisões dos navios no porto, aos presos que já tivessem tempo legal para isso, foi dada baixa paulatinamente, sendo mandados para o Sul. Entre esses, 93 mercenários do 27º BC vieram para Santa Catarina nos brigues Luíza e Marquês de Viana, misturando-se às famílias dos pioneiros que, com seus pertences, se destinavam à colônia de São Pedro de Alcântara para desbravar as terras, praticando a agricultura.

Na Província de Santa Catarina, a Vila do Desterro recebeu foros de cidade, por decreto imperial de 24 de fevereiro de 1823.

Cinco anos mais tarde, em 1828, a população da Província contava com aproximadamente 50.000 habitantes, sendo 18.000 na Capital, onde se constituía de brancos, pretos e mestiços. Foi nessa data que aportaram na Ilha de Santa Catarina as referidas embarcações Luíza e Marquês de Viana, trazendo os pioneiros alemães, vindos da Armação de São Domingos, em Niterói. Os imigrantes procediam, em grande parte, da Renânia, às margens do rio Mosela, sendo mencionados, também, em documento da época, alguns austríacos (Carl Seidler).

Sobre essa gente, que seguiu, numerosa, para São Pedro de Alcântara, já se tem pesquisado e escrito com tirocínio e brilho. Há um movimento altamente meritório nos dias que correm, arregimentando excelentes professores e alunos universitários, além de competentes autodidatas, na consecução desta tarefa. Multiplicam-se os genealogistas.

O brigue Luíza atracou no Desterro a 7 de novembro de 1828, trazendo 276 imigrantes. O bergantim Marquês de Viana, 5 dias depois, com mais 359. Eram 146 famílias, num total de 635 pessoas. Os passageiros do Marquês de Viana foram encaminhados aos quartéis de Desterro, situados no Campo do Manejo (onde hoje fica o Instituto Estadual de Educação), e os do Luíza, por terem chegado doentes, foram mandados para a Armação da Lagoinha, instalados em abrigo em que havia hospital e médico. Só que dividiam espaço com as tropas do 4º Batalhão ali sediado, enquanto na Cidade estavam o 8º, o 18º e o

27º Batalhões de Caçadores, e o 4º Batalhão de Artilharia. Narra Seidler que reconheceu a chegada do Batalhão de Granadeiros pelo som de seus tambores. É o mesmo Seidler quem avalia em 800 as pessoas que aguardavam na Ilha encaminhamento para São Pedro de Alcântara.

Em Santa Catarina a pesca da baleia, antigo esteio econômico da região, estava em franca decadência. No início do século XIX já rareavam os cetáceos, frente à concorrência de baleeiros ingleses e norte-americanos em alto-mar, possuidores de melhor técnica.

Nas Armações da Piedade, no Continente, e da Lagoinha, na Ilha, havia então 238 escravos. Eram arpoadores, pescadores, carpinteiros, calafates, polidores, serradores. As armações possuíam oficinas com suas ferramentas, embarcações, utensílios de pesca; e lavouras, matas, madeiras. Tudo sob a autoridade de um encarregado e um feitor. Havia também um hospital com cirurgião, sendo as despesas pagas pelos cofres públicos, sob a jurisdição da Intendência da Marinha. Em 1830 realizou-se a derradeira pesca organizada pelo governo.

Na Lagoinha, os colonos permaneceram cerca de ano e meio, aguardando a partida para São Pedro de Alcântara. Recebiam a diária de 160 réis, exceção feita nos períodos em que estivessem internados no hospital. Sua situação era de dor e perplexidade. Quantos não se arrependiam da grande aventura... Mas era impossível desistir. Teriam eles ainda olhos para ver a deslumbrante beleza da nova terra, amontoados em abrigos, a disputar espaço com soldados mercenários vindos da guerra? Doentes e fracos, os imigrantes da Lagoinha, frustrados no seu sonho de trabalho e prosperidade, desesperavam-se. Catorze deles desistiram de seguir e ficaram na Ilha. Certamente o desgosto os uniu mais entre si, vítimas da mesma desgraça. E o amor veio suavizar o sofrimento. Existem nomes alemães no Livro de Casamentos da Cúria Arquidiocesana de Florianópolis, como o de Anton Zimmerman, nos Registros de Casamentos de 1829, conforme constatei *in loco*. Os moradores da Armação da Lagoinha se casavam. Um manuscrito timbrado com carimbo da Prefeitura Municipal de Blumenau, relaciona o registro de cinquenta casamentos com os nomes dos nubentes. Por oportuno, menciono aqui a única família luterana chegada nessa ocasião: Baumgarten, se bem que Seidler comentou: “... o preconceito que mesmo nas partes mais cultas da Europa nutre o protestante contra o católico, e vice-versa, despoñou entre os meus patricios no Brasil, sendo que a maioria era de luteranos...”

Outra leva de colonos teve que aguardar em São José as providências para viabilizar sua entrada em São Pedro de Alcântara. Alguns se estabeleceram

no comércio, na Praia Comprida. Outros retornaram à Ilha. Com certeza as condições mais favoráveis da Capital atraíam imigrantes não-agricultores.

Das colônias situadas nas redondezas (hoje Grande Florianópolis) — Santa Isabel (1847), Leopoldina (1852) e Teresópolis (1860), foi grande o contingente que procurou a Capital. É o caso da família Moellmann, destinada a Santa Isabel (onde existe, na Igreja Luterana, o registro de casamento do filho mais velho, Carl, com Emília Pfützenreuter, meus bisavós). A família mudou-se para Desterro (Rua Presidente Coutinho) e aí, em 1869, fundou a firma mais tarde denominada Casa Moellmann, que honrou o comércio do Estado até 1999. Portanto, durante 130 anos. Conta-se em família que, durante a revolução federalista de 1893, quando ocorreu o doloroso episódio do fuzilamento dos catarinenses na Fortaleza de Anhatomirim, os Moellmann deram fuga a cidadãos perseguidos, escondendo-os nas barricas da firma usadas para as exportações. Somos mesmo da Ilha dos causos raros...

Outra família que se mudou da Colônia Santa Isabel para a Capital foi a de Friderich Christian Sell, vindo da Pomerânia, em 1863. Teve prole numerosa e destaque em Florianópolis dois dos seus descendentes: um, meu amigo de infância, é o Desembargador Ivo Sell, que presidiu o Tribunal de Justiça de Santa Catarina. Outro foi meu colega no Instituto Estadual de Educação na década de 50: Nildo Sell, hoje proprietário de uma empresa turística, a Selltur.

Carl Seidler e Heinrich Trachsler são dois suíços que escreveram sobre Santa Catarina. O primeiro era oficial do 27º Batalhão de Caçadores e passou dez anos no Brasil. Publicou seu interessantíssimo livro em 1835, na Suíça. O outro era soldado do 28º Batalhão de Caçadores e viveu no Brasil cinco anos. Teve seu livro editado na Suíça em 1839.

Seidler, homem culto, conhecedor do mundo, demonstra erudição clássica e atilada perspicácia na observação dos costumes brasileiros, quer políticos e religiosos, quer sociais e familiares.

Heinrich Trachsler longe estava de ser um simples alfabetizado. Portador de cultura razoável para os parâmetros de seu tempo, revelou-se um crítico corajoso e engraçado. Acabou desertando da tropa.

Seidler descreve o drama dos moradores da Lagoinha: *"Acabado o dinheiro, começaram a vender roupas e não tardou que a maior parte desses infelizes andassem andrajosos, mostrando pústulas e buracos nas pernas e braços, sarnentos, a perambular como espectros e a mendigar pelas ruas da cidade. Que impressão dolorosa devia suscitar nos outros alemães semelhante espetáculo de horror! Mas os soldados alemães do exército imperial viviam só do seu magro soldo, pouco ou nada podiam ajudar a seus patrícios que sofriam*

sem culpa. Antes de decorridos os seis meses que aqueles colonos deviam passar inativos na Vila Desterro, a pobreza crescera tanto que muitos pais incapazes de sustentar os filhos, os ofereciam publicamente e sentiam-se felizes se alguém quisesse ficar com uma menina forte ou um rapaz esperto, só pela comida. Uma vez ou outra famílias brasileiras ricas adotavam crianças alemãs."

Em função de tais adoções, conclui-se que a miscigenação teve início em poucos anos. Há hoje em dia inequívocos descendentes da raça alemã na Ilha com legítimos sobrenomes portugueses, ou açorianos, cujo aspecto físico germânico é inquestionável, mas que desconhecem qualquer indício dessa ascendência.

Armação da Piedade

Seidler, num depoimento interessantíssimo, narra as peripécias havidas durante um aquartelamento de sua tropa na Armação da Piedade, no Continente, de frente para o norte da Ilha. A situação na Armação da Lagoinha, com a pesca da baleia em extinção, como a do Continente, não deveria divergir muito desta. Ele fala de insetos e outros bichos venenosos.

*"Pulgas enormes saltavam tão atrevidas e numerosas que as calças brancas, mal se entrava no quartel, ficavam pretas até o joelho (...)
Para encher a medida éramos atormentados por um tédio mortal".*

Para dissipar esse tédio, o jovem oficial suíço se relacionava com os raros pescadores das proximidades, e foi assim que, com três companheiros, visitou um lugarejo habitado por esses primitivos moradores, numa enseada em que havia alguns ranchos. Para lá se dirigiram a cavalo, percorrendo morros no meio da densa floresta. Foram recebidos com alegria e carinho. Os nativos chegaram a esconder os cavalos para impedir seu retorno à Armação. Lá só se alimentavam de peixe e pirão da manhã à noite, bebendo cachaça. Embriagavam-se. Após algumas horas com os estrangeiros, destravaram a língua, animaram-se e deram em dançar. Conseguiram um bandolim velho e remendado pertencente a um espanhol e improvisaram um baile. *"Começa o baile mais indecente que jamais eu tive a honra de ver"*, escreve o europeu. *"Havíamos de parecer divertidos ao girarmos em uniforme imperial no meio das raparigas meio nuas..."* Após três dias e três noites de bacanal, os matutos, certamente esgotados, cessaram de implorar a permanência dos jovens. E a miscigenação, mais uma vez, deve ter ocorrido.

Seidler descreve sua volta ao Desterro, após a permanência na Armação

da Piedade: *“Jubilosos os moradores receberam os velhos conhecidos hóspedes: panos brancos, fitas vermelhas, guirlandas verdes, a baloiçar, e atrás das gelosias meio abertas olhos negros brejeiros faiscavam amavelmente sobre nós; mal tornados aos antigos quartéis, escovadas às pressas as roupas empoeiradas, logo o batalhão inteiro se espalhou pela cidade e arredores, como enxame de abelhas a zumbir”*.

E adiante diz: *“Por causa da numerosa tropa aqui concentrada, o serviço aqui era insignificante; às vezes podíamos passar a semana inteira de folga pela cidade e pelos arredores (...) como é de supor, nessas excursões às vezes travamos interessantes relações nas casas de campo, para o que dava o pretexto inicial o costume brasileiro, tão louvável, segundo o qual todo o viajante tem a liberdade de pedir em qualquer choupana, casa ou palácio o necessário fogo e um copo com água; e jovens, que aqui não são tão retraídas e tímidas como em muitos outros pontos do império, ainda melhoravam o refrigério... (...) Às amáveis cidadãs da Vila do Desterro era especialmente agradável falar da Europa (...) ...indagava mil pequenas particularidades pelas mulheres alemãs, pelo amor na Alemanha, pela moda alemã, pela fidelidade alemã...”*.

Os descendentes de lusos e açorianos, antigos moradores da Ilha, já haviam constituído uma estrutura social em cuja cúpula pontificavam burocratas e políticos, aos quais repugnava o trabalho braçal.

Influência germânica no Desterro, as chácaras, o comércio

Os alemães trabalhavam com afinco, sem relutância nem discriminação de serviço. Assisti, na minha família de origem açoriana, orgulhosa de sua prosápia, desdenharem de parentes teutos, por “esfregarem a barriga nos balcões do comércio”... Mas foram estes que enriqueceram e propiciaram grande progresso à terra que abraçaram. Sem falar da cultura que trouxeram da Europa, destacando-se a musical. Tanto na família germânica da minha mãe (Moritz/Treska), como na do meu pai (Moellmann), existiam verdadeiras orquestras em casa. Muitos tocavam mais de um instrumento. Minha mãe, que estudou sete anos na Escola Alemã de Florianópolis e escrevia gótico com perfeição, tocava piano e bandolim. Minha tia-avó, Clara Carolina Pfütenreuter Moellmann, era professora de piano. Meu tio José da Costa Moellmann (Prefeito de Florianópolis de 1930 a 1935) participou da Sociedade de Cultura Musical fundada a 01-06-1944, mantenedora da Orquestra Sinfônica de Florianópolis. Tocava violino. São nomes germânicos de destaque no setor musical em Florianópolis: Schutel,

Hautz, Freyesleben, Richter, Moritz, Besen e muitos outros.

Aos poucos, a partir dos fins do século XIX, grande parte das residências aristocráticas da cidade pertenciam a famílias alemãs, entre elas Wendhausen, Hackradt, Hoepcke, Horn, Vahl, Moellmann, Moritz, Müller, Beckmann, Molenda, Ebel, Ehlke, Berenhäuser, Meyer, Stodieck, Scheidemantel, Leyendecker, Busch, Loleit e tantas outras. Muitas delas viviam em ambientes paradisíacos, nas chácaras. A da família Moellmann ficava em frente ao Colégio Catarinense, na Rua Esteves Júnior, e se estendia até à do Barão von Wangenheim, da qual era separada por um riacho.

Com o advento das firmas alemãs, o comércio do Desterro teve grande incremento. Destacam-se entre as mais antigas: Wellmann & Bade, Moellmann (1869), Wendhausen, Vahl e Carl Hoepke (1882), que veio a se tornar a mais forte de todas, estabelecendo uma pequena frota de navios. A Casa Moellmann, fundada no Desterro, honrou durante 130 anos o comércio catarinense. Quando fechou suas portas em 1999, publiquei um artigo sobre ela no jornal "O Estado", de Florianópolis, que, para minha surpresa, foi transcrito nos Anais da Câmara dos Deputados, em Brasília, pelo Deputado Federal Édison Andrino.

A firma se iniciou no século XIX com modesta loja de ferragens. Seus "viajantes" forneciam estoques ao comércio do interior. Cresceu e diversificou suas atividades, transformando-se, já no século XX, em sociedade anônima. Ocupava então um belo sobrado português na esquina da Rua João Pinto com a Praça Fernando Machado. Operava com importação e exportação e possuía um depósito de pólvora na Ilha das Vinhas, na Baía Sul. Em 1919, criou uma filial em Blumenau. Lançou em Florianópolis a Chevrolet, da General Motors, e mais tarde a Volkswagen, alemã. Era procurada por turistas nacionais e estrangeiros, sobretudo em Blumenau, quando, na década de 50, fechou as portas em Florianópolis. Durante o período de guerra ocorreu a seguinte jogada política: a Casa Hoepke perdeu a representação da Ford para Irmãos Amin, e a Casa Moellmann, a Chevrolet para a Casa Hoepke, que a desfrutava até hoje. É a lei do mais forte...

Eduardo Moellmann, meu avô, é o titular da Carteira nº 1 da Junta Comercial de Florianópolis (1932). Era neto do imigrante Carl Moellmann. Dedicou cinquenta e sete anos de sua existência à firma da família, principiando como balconista e chegando até a presidência. Casou-se em primeiras núpcias com Arícia da Costa, mãe de seus três filhos. Ela era filha de José Teodoro da Costa, segundo vice-presidente da Província. Será em breve inaugurado o Museu Eduardo Moellmann, na Rua Esteves Júnior, no local em que viveu. Meu pai, seu terceiro filho, também fez da Firma sua profissão. Ele foi Vereador

(Conselheiro) em Florianópolis ao tempo em que a função não era remunerada.

Fritz Müller no Desterro

Após sua atuação ao lado de Hermann Blumenau na fundação da Colônia às margens do Rio Itajaí-açu, o alemão Fritz Müller, sábio naturalista, partidário das idéias de Darwin, fez em 1858 concurso na Capital, Desterro, para a Cadeira de Matemáticas do Liceu Provincial, onde começou a lecionar. Em 1874, 16 anos depois, transformado o Liceu em Ateneu Provincial, lá está o velho Fritz Müller à frente de sua cátedra.

Os alemães na vida pública do Desterro

São do agrônomo alemão Oscar Canstatt, que esteve em Santa Catarina em 1868, estas palavras: "*É o ponto onde as colônias alemãs de Santa Catarina irradiam (...) onde a influência do elemento alemão na vida pública é evidente.*" O Clube Harmonie e o Clube Germania.

Em 1860 a população da Ilha de Santa Catarina era de 19.900 habitantes, sendo 3.597 escravos (Tschudi). Foi nesse ano que surgiu a primeira associação de caráter social organizada por alemães: o Clube Harmonie (Flos). Esse clube passou a denominar-se Clube Germania, em 1865, segundo documento elaborado pelo Padre von Gehlen em 1911. Fundado com 78 associados, o Clube Germania congregava todas as atividades próprias de um clube social e adentrou o século XX com grande prestígio e sucesso. Lembro-me de que ficava na Rua Tenente Silveira, onde hoje é a Biblioteca Pública.

Cemitério Alemão

Em 1863 o governo brasileiro baixou um decreto obrigando o registro de óbitos dos não-católicos, pelo escrivão do juízo de paz. Determinava também que se destinasse um local separado para sepultamento dos não-católicos. Assim os alemães tiveram oportunidade de construir o Cemitério Alemão para os luteranos e, afinal, também para católicos, uma vez que assim solicitaram os que pertenciam a essa confissão. Quando da mudança do cemitério de Florianópolis da cabeceira da Ponte Hercílio Luz para o Itacorubi, o Cemitério

Alemão ocupou nele terreno próprio muito aprazível, onde estão enterrados os meus antepassados. (Informação do Dr. Werner Springmann, durante muitos anos encarregado do cemitério. Ele é filho de Fernando Springmann, húngaro que chegou ao Brasil em 1892).

A Escola Alemã, seu pioneirismo

Foi criada em 1867 sob os auspícios do Clube Harmonie e funcionava num prédio alugado na Rua Álvaro de Carvalho nº 7, esquina com a Felipe Schmidt. Seu primeiro mestre foi o professor Lang, a quem sucedeu o pastor luterano Dr. Gruel. Começou com 25 alunos, dos quais 10 brasileiros, sendo um negro. Presume-se tratar-se de Cruz e Sousa. A Escola ministrava aulas de música. Passou por grandes dificuldades durante os anos seguintes, mas nunca foi fechada. Eu mesma cursei um ano de *kindergarten*, aos cinco anos de idade. Deixou de existir em 1941.

Vale considerar o arejamento social, o pioneirismo pedagógico da escola, que além de disponibilizar seus préstimos aos não-protestantes, adotava regime misto, em que crianças dos dois sexos eram intercaladas nos bancos de aula. E apresenta uma atitude inovadora também em relação à mulher, privilegiando-a por seu valor: na falta de um pastor para assumir a escola, em 1922, foi convidada para ocupar esse elevado posto a Profa. Erna Kegel (filha de Emília Moellmann).

Colégio Coração de Jesus

O Colégio Coração de Jesus, da Congregação Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs da Divina Providência, vindas da Alemanha, foi fundado em janeiro de 1898. Nele fui educada durante doze anos, até ingressar na Faculdade de Direito de Santa Catarina.

Século XX

Tiro Alemão

O Tiro Alemão de Florianópolis foi fundado em 15 de maio de 1900 pelos seguintes sócios: Heinrich Behr, Hermann Beilke, Curt Brand, Carl Busch,

Germano Fortkamp, Otto Haertel, Alex Haertel, C. Gassenferth, Teodor Gründel, Carl Kersten, Carl Kramer, Otto Richter, Carl Berenhäuser, Arnold Fauth. Foi um estabelecimento de lazer grandemente utilizado pela população de origem alemã. Lembro-me de tê-lo freqüentado quando criança. Como a Escola, desapareceu por causa das guerras.

Colégio Catarinense

O Colégio Catarinense, fundado na Capital em 1905 por jesuítas alemães, é responsável pela formação de uma elite cultural em Santa Catarina. Durante muitos anos foi exclusivamente destinado ao sexo masculino. Nele se educaram meu pai, meus tios e meu irmão.

O esporte: Clube Náutico Riachuelo (Contribuição do Sr. Waldir Gil)

O Clube Náutico Riachuelo festejou seus 25 anos em 1940 com substanciosa publicação. Na página 17, uma fotografia de oito rapazes, entre os quais José da Costa Moellmann (meu tio, que mais tarde foi Prefeito de Florianópolis). Abaixo se lê: “Deste grupo nasceu o ‘Riachuelo’.” Em outro retrato, uma iole com 5 tripulantes, dos quais dois descendentes de alemães: Oswaldo e Reinaldo Moellmann. Na página 27, duas fotos com guarnições. Na primeira, Walter Schlegel; na outra, “os Müllers e os Munds”. Na página 29, aparece a taça “Lauro Carneiro”, campeã do Estado em 1930, com os remadores Décio Couto, Orlando Cunha, Alberto Moritz, Max Müller e Eduardo Müller. Como se observa, era farta a contribuição dos descendentes de alemães ao esporte da Ilha.

Futebol

No futebol também foi importante a sua participação. Só a família Moritz teve quatro irmãos integrando a equipe do Figueirense: Calico, Nery, Décio e Sidney, que durante o século XX deixaram história. Sem esquecer a irmã, Zita Moritz, que ainda vive, torcedora apaixonada.

A Igreja Luterana e a Associação de Senhoras Alemãs

A Igreja Luterana foi vinculada à Escola Alemã. Construída em 1909, na Rua Nereu Ramos, lá se encontra até hoje. A comunidade germânica contribuiu com a necessária verba para sua construção, tendo à frente uma comissão de que fazia parte Hermann Moellmann. Em 1910, foi constituída a “Associação Auxiliadora de Senhoras”, que teve durante muitos anos efetiva atuação social. Com sacrifício, foi construído um hospital, situado defronte à igreja, o qual atendia também a brasileiros e a doentes de regiões próximas. A Associação resistiu até 1941.

Centro Educacional Menino Jesus

O Centro Educacional Menino Jesus foi criado pelas Irmãs Franciscanas de São José, Congregação originária da Alemanha, que se instalou em Santa Catarina em 1927. Tem como diretora a Irmã Walburga Bach, catarinense de São Martinho, religiosa empreendedora, de grande tino administrativo.

Indicador Comercial, Industrial e Profissional de Florianópolis

Em 1928, exatamente um século após o desembarque dos pioneiros germânicos na Ilha, é publicado o Indicador Comercial, Industrial e Profissional do Município de Florianópolis (1º ano) organizado pela Associação Comercial (José Rodrigues Fonseca). Nele encontramos os seguintes nomes de origem germânica: Bayer, Beck, Bernwarda, Boettcher, Bousfield, Brüggemann, Brüning, Burkler, Busch, Cathcart, Clasen, Cunegundes, Deeke, Diem, Dittmar, Dornbusch, Ebel, Edwiges, Ehlke, Emmel, Entres, Erichsen, Ermendorfer, Feldmann, Fortkamp, Freyesleben, Frisch, Froner, Fuger, Függer, Fülgraf, Galluf, Gassenferth, Gern, Goeldner, Gofferjé, Gottsmann, Gropp, Gründel, Gruner, Gunther, Gustenhofen, Haberbeck, Hahm, Hatzvark, Hencke, Heyer, Hickel, Hildeburgeis, Hoepcke, Hoffmann, Horn, Hübel, Kaminsky, Kessler, Klas, Kolbe, Konder, Kraemer, Krapp, Kuenzer, Kunchestz, Lange, Leyendecker, Ludgera, Maes, Maute, Meyer, Moellmann, Mohr, Momm, Moritz, Müller, Mund, Raffs, Rehm, Reinisch, Reissman, Rhein, Riggerbach, Robak, Roberg, Roth, Rothe, Rothsahl, Ruhland, Rupp, Schrader, Schieffler, Schlegel, Schlemper, Schmidt, Schnorr, Schuldt, Schürmann, Schutel, Schweidson, Sippel, Tertschitsch,

Trapple, Treska, Ulbricht, Vahl, Vecel, Weber, Wendhausen, Wildi, Winfrida, Wunderlich, Zimmer, Zomer.

Os descendentes de alemães na vida pública de Florianópolis.

Dois expoentes, ambos prefeitos de Florianópolis, escolhi para representar administradores públicos: José da Costa Moellmann, nascido na capital, foi Prefeito de 1930 a 1935, sendo depois Secretário da Fazenda até 1938. Conta-se na família que, com a chegada dos revolucionários gaúchos de 1930, estes debochavam da existência de bondes de burro em Florianópolis, o que no Rio Grande do Sul estava superado. Então alunos do 5º ano do Ginásio Catarinense, com a conivência do Prefeito, jogaram ao mar os derradeiros bondes, fato notável na crônica da cidade. Os animais, o Prefeito destinou-os aos pobres.

O segundo edil a citar é uma mulher: a Prefeita Ângela Regina Heizen Amin Helou, que, no final do século XX, administrou a cidade de Florianópolis com resultados que o povo aprovou, reelegendo-a. Originária de Indaial, integra os teuto-brasileiros vindos de outras regiões do Estado.

O nazismo e a perseguição contra alemães e descendentes.

As duas grandes guerras mundiais e a ideologia nazista tiveram profunda repercussão entre os teuto-brasileiros em Santa Catarina. É um assunto tão delicado e melindroso, com intensas implicações político-sociais, que dariam assunto para um livro inteiro. Não cabe no âmbito restrito deste painel, nem transcorreu o tempo necessário para uma apreciação isenta. No momento em que preparo este trabalho, a Profª Marlene de Faveri defende tese de doutorado na UFSC sobre o assunto.

Imigrantes que vieram residir em Florianópolis após a 1ª Guerra Mundial

Gustav Sandmann, esposa e filha, Xavier Kloeble, esposa e filha, Xavier Kupcka e esposa, Franz Kaminsky e esposa, Curt Rammtour, Ernesto Damerau, Christian Kreiling, Dr. Fritz Gofferjé e esposa, Dr. Richard Gottsmann e esposa, Max Lehmann, Otto Reismann, Ernesto Wojcekiewicz, Bruno Jonas, Herbert

Jung, Herrmann Back, Alberto Entres, Godofredo Entres, Bruno Dieckmann, Albert Eumann, Hans von Wangenheim, Dr. Otto Vogel, Dr. Georg Zippel, Carlos Leyendecker, Erich Czesnat, Paul Ohl, Dr. Ed. Moennich, Emil Dienslaken, Albert Ehert, Fritz Pottast.

Casa de Saúde São Sebastião

Hospital e maternidade, foi fundada em 1942 pelos médicos Dr. Djalma Moellmann e Dr. Aurélio Rotolo, em terreno nos fundos da propriedade da família Moellmann na Rua Esteves Júnior. Tem acesso pelo Largo São Sebastião. Nela nasceu o atual Governador do Estado Esperidião Amin Helou Filho.

A miscigenação e integração social no fim do século XX.

Gustavo Kuerten. O estado democrático brasileiro.

O manezinho da Ilha internacionalmente mais importante do século XX é o teuto-brasileiro Gustavo Kuerten, campeão mundial de tênis. Basta essa frase para demonstrar a integração social do elemento germânico em nossa terra.

O Estado democrático brasileiro vigente: um sol que ilumina toda a população, sem discriminações. Após períodos de odiosa repressão político-social, o Brasil chega ao final do século XX no gozo pleno da democracia. Perfeito, não fosse a calamitosa distribuição de renda, desestruturando a sociedade.

Conclusão

Ao encerrar este trabalho, quero enfatizar o que o leitor certamente já percebeu: ele não é só fruto de pesquisa, senão um depoimento, dada a minha condição de teuto-brasileira florianopolitana. Descendo de três famílias germânicas ilhoas (Moellmann, Moritz e Treska) e de uma açoriana, igualmente ilhoa (Costa).

Agradeço a atenção dispensada.

Bibliografia

- Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984.
- BALDIN, Nelma. *A Intendência da Marinha de Santa Catarina e a questão da Cisplatina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1980.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. *Notas sobre a história catarinense*. Florianópolis: Livraria Moderna, 1912.
- BOPPRÉ, Maria Regina. *Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense (1898-1988)*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1989.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A história da colonização açoriana em Santa Catarina*, (Separata da Revista "Cultura Política"). Rio de Janeiro: IOESC, 1941.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Santa Catarina*. São Paulo: Ed. Brasiliense, v.80, 1937.
- COSTA, Sérgio Corrêa da. *As Quatro Coroas de D. Pedro I*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.
- FICKER, Carlos. "Alguns detalhes interessantes sobre a memória de um colono alemão", *Blumenau em cadernos*. Blumenau, Tomo nº VIII, nº 2. Fundação Franklin Cascaes. *Florianópolis: Memória Urbana*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- HUNSCHE, Carlos H. *O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação e Instituto Estadual do Livro, 1975.
- JOCHEM, Toni Vidal; ALVES, Débora Bendocchi. *São Pedro de Alcântara, 170 anos depois...* São José: Elbert Ind Graf., 1999.
- JOCHEM, Toni Vidal. *São Pedro de Alcântara, 1829-1929: aspectos de sua história*. São José: Elbert Ind. Graf., 1999.
- KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro*. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.
- LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1993.
- LUCAS, Victor. *A imigração alemã em Santa Catarina*. Texto inédito.
- MATTOS, Jacintho Antonio de. *Colonização do estado de Santa Catharina: dados históricos e estatísticos (1640-1916)*. Florianópolis: Gab. Typ. D' "O Dia", 1917.
- PAIVA, Acipreste Joaquim Gomes de Oliveira. *Colonização alemã de São Pedro*

- de Alcântara (1829-1929)*. Florianópolis: Livraria Moderna, 1929
- PHILIPPI, Aderbal João. *São Pedro de Alcântara: a primeira colônia alemã de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.
- PRANTNER, Johanna. *Imperatriz Leopoldina do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- SCHMITT, Elzeário, OFM. *A primeira comunidade alemã em Santa Catarina: 1829-1979 sesquicentenário*. Florianópolis: IOESC, 1979.
- SCHMITZ, Matias. “Da vida de um alemão no Brasil”, *Blumenau em cadernos*. Blumenau, Tomo nº VII, nº 12.
- SCHMITZ, Matias. “Memórias de um colono alemão”, *Blumenau em cadernos*. Blumenau, Tomo nº VIII, nº 1.
- SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.
- WALSH, Robert. *Notícias do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia, EDUSP, 1985.